

Onde (ainda [j])há o fenómeno? Contributo para o estudo da inserção de glide entre vogais centrais¹

Pedro Oliveira, Nuno Paulino, Marisa Cruz & Marina Vigário

Universidade de Lisboa

p.oliveira@campus.ul.pt, npaulino@campus.ul.pt, marisasousacruz@gmail.com,
marina.vigario@mail.telepac.pt

Abstract

We investigate glide insertion to break a hiatus between central vowels (V1_V2) in four regions of the Northern variety of European Portuguese (two urban and two rural), three discourse modalities and two age groups. We show that the process is optional and is bound by the intonational phrase domain in all regions. Both prosodic and sociolinguistic factors affect the frequency of occurrence of the phenomenon in variable ways among regions. Globally, insertion is more frequent when V2 bears higher levels' prominence and when V1 belongs to a clitic. Regions further North tend to insert more and (semi-)spontaneous tasks favor insertion. Age correlates weakly with frequency of insertion. We discuss the implications of these findings for the understanding of the synchronic status of the phenomenon.

Keywords: variation, prosody, prominence, prosodic domains, language change

Palavras-chave: variação, prosódia, proeminência, domínios prosódicos, mudança linguística

1. Introdução

Nos estudos incidindo sobre as variedades regionais do Português (e.g. Vasconcellos, 1896/1987; Lopo, 1895; Santos, 1897; Pereira, 1908; Paiva Boléo & M. H. Santos Silva, 1959; Cintra, 1971; Rodrigues, 2003; Saramago, 2006; Aguiar, 2008; Carrilho & Pereira, 2011; *inter alia*), são relativamente raras as referências a fenómenos fonológicos que ocorrem entre palavras, não existindo ainda, até onde sabemos, descrições sistemáticas sobre o contexto prosódico relevante para a ocorrência de fenómenos segmentais. Encontram-se, contudo, apontamentos relativamente dispersos sobre condições prosódicas para a ocorrência de fenómenos segmentais. Por exemplo, Vasconcellos (1896/1987), Paiva Boléo & M. H. Santos Silva (1959), Maia (1975) e Florêncio (2001) notam a importância do padrão acentual oxítono para a ocorrência de inserção do segmento [i], em sequências como <café[i]>, que ocorre em variedades meridionais. A inserção de glide para quebrar hiato entre palavras é outro destes fenómenos, atribuído a variedades setentrionais e há muito mencionado na literatura (Lopo, 1895; Santos, 1897; Vasconcellos, 1901; Pereira, 1908). Tipicamente, este processo é ilustrado com exemplos como *vou <á-i-aula>* (Lopo, 1895), mas pouco detalhe é dado sobre as condições fonológicas para a inserção, para além da referência a duas vogais adjacentes e, nem sempre, à presença de acento de palavra na segunda vogal. A partir da literatura, depreende-se que, há cerca de um século, a inserção de glide para quebrar hiato ocorria em diferentes pontos da região Setentrional, incluindo Vila Real de Trás-os-Montes e Beira Interior Norte (Lopo, 1895; Santos, 1897; Pereira, 1908). Recentemente, Segura (2013) delimita com maior precisão a extensão da ocorrência da inserção de glide, apontando que ela penetra ainda na região centro de Portugal.

¹ Este estudo foi realizado no âmbito do projeto *InAPoP – Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (PTDC/CLE-LIN/119787/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

É sabido que para além de fatores linguísticos, fatores extralinguísticos podem influenciar a maior ou menor frequência de ocorrência de determinado fenómeno linguístico. Entre eles, destacam-se a idade, o maior ou menor contacto com os centros urbanos (e.g. pontos urbanos vs. pontos rurais), a modalidade discursiva (e.g. fala espontânea vs. leitura), e o nível de escolaridade. Labov (1966, 1972 e subsequentes), Trudgill (1974), Bell (1984), e muitos depois deles, estudaram o impacto que estes fatores extralinguísticos podem ter sobre o comportamento linguístico dos falantes. Por exemplo, como Labov (1966, 1972) descreve, o tipo de tarefa, mais *casual* vs. mais *formal*, influencia a ocorrência de certos fenómenos vernáculos, já que em tarefas mais formais os falantes tendem a usar a contrapartida dita *standard*, enquanto as tarefas casuais potenciam a emergência de variantes não-*standard*.

No presente estudo pretende-se contribuir para a caracterização do fenómeno da inserção do glide para quebrar hiato (V1 V2) entre palavras, considerando a (frequência de) ocorrência de inserção em função de condições prosódicas, distribuição geográfica, modalidade discursiva e idade.

O artigo organiza-se do seguinte modo. Na secção 2, procede-se ao enquadramento do estudo, com a referência a processos fonológicos no PE (Português Europeu) sensíveis a fatores prosódicos (sub-secção 2.1) e a outros estudos incidindo sobre variação nesta variedade do Português (sub-secção 2.2). Na secção 3 é descrita a metodologia de recolha e tratamento dos dados. A apresentação e discussão dos resultados é feita na secção 4, tendo em conta os diferentes aspetos prosódicos, em particular, o domínio prosódico em que ocorrem V1 e V2 (sub-secção 4.1), níveis de proeminência em V2 (sub-secção 4.2) e o estatuto fonológico da palavra que V1 integra (sub-secção 4.3). Na secção 5 são apresentadas as principais conclusões deste estudo e apontadas direções para investigação futura.

2. Enquadramento

2.1. Estrutura Prosódica e a ocorrência de fenómenos segmentais no Português Europeu

Estudos desenvolvidos nas últimas duas décadas mostraram que um conjunto de fenómenos segmentais no PE anteriormente identificados na literatura como ocorrendo entre palavras (Gonçalves Viana, 1884; Sá Nogueira, 1938; Mateus, 1975) têm um domínio (fonológico) de ocorrência e, em muitos casos, são sensíveis a níveis de proeminência superior à palavra (e.g. Frota, 1994, 2000; Vigário, 2003, 2010). Fenómenos fonológicos com este tipo de características constituem evidência para o modelo teórico conhecido por Fonologia Prosódica, tal como defendido em Nespor & Vogel (1986/2007), Frota (2000), Vogel (2009), Vigário (2010), entre muitos outros. Nas subsecções seguintes faz-se uma breve revisão das condições prosódicas relevantes para um conjunto de fenómenos segmentais nesta variedade do Português, assumindo que a fonologia do Português, como a da generalidade das línguas do mundo, integra uma estrutura hierárquica puramente fonológica, composta por domínios fonológicos (ou prosódicos), os quais são parcialmente construídos com base em informação morfológica ou sintática, mas não correspondem necessariamente a constituintes morfossintáticos. Estes domínios podem ser relevantes para a aplicação de processos fonológicos (de natureza segmental ou outra) e incluem a sílaba (σ), a palavra prosódica (PW), o grupo palavra prosódica (PWG), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP). Sobre a construção dos domínios acima da sílaba no PE, remete-se para a revisão em Frota (2014) e para Vigário (2010).

2.1.1. Relevância do domínio prosódico

Nos estudos sobre o PE foram identificados vários fenómenos segmentais que se aplicam entre palavras. Muitos destes processos implicam uma reorganização de segmentos na sílaba, através de um fenómeno mais geral, conhecido por ressilabificação. A ressilabificação, que afeta não apenas a posição dos segmentos na sílaba mas também, nalguns casos, a forma como eles se realizam, aplica-se no PE entre palavras que se encontrem no interior de um IP, como mostrou experimentalmente Frota (1995, 2000, 2014). Um destes processos envolve a especificação do vozeamento da fricativa coronal final de sílaba ou morfema. Descrições da realização destas fricativas numa perspetiva fonológica linear salientaram a relevância do contexto segmental. Em particular, Mateus (1975) e Andrade (1977) notam que a fricativa seguida de consoante assimila o traço de vozeamento do segmento consonântico seguinte (podendo realizar-se neste contexto como [ʃ] ou [ʒ]) e adquire o traço não-vozeado em posição final

absoluta (realizando-se como [j]) e o traço vozeado quando o segmento seguinte é uma vogal (realizando-se nesse caso como [z]). Frota (1995, 2000, 2014) mostra que, para além do contexto segmental, o vozeamento da fricativa é condicionado pela estrutura prosódica. Assim, o processo fonológico aplica-se dentro de PhP e entre PhP (como exemplificado em 1-2, respetivamente), mesmo quando o segmento que desencadeia o processo de assimilação inicia um constituinte ramificado, como em (3). Pelo contrário, a fronteira de IP bloqueia o processo de assimilação de vozeamento, mesmo quando as condições segmentais estão reunidas (ver 4).

- | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|--|
| (1) [A <u>s</u> alunas] _{PhP} | [z] | |
| (2) [... caneta <u>s</u>] _{PhP} [aos amigos] _{PhP} | [z] | |
| (3) [oferece <u>m</u> s] _{PhP} [orquídeas claras] _{PhP} | [z] | |
| (Frota, 2000: 61) | | |
| (4) [Aos jornalista <u>s</u>] _{IP} [as angolanas ofereceram especiarias] _{IP} | [j] | |
| (Frota, 2014: 14) | | |

Outros processos fonológicos característicos do PE fornecem evidência para a estrutura prosódica, nomeadamente para o domínio de IP. Destacam-se, entre eles, o fenómeno de haplologia e os processos de resolução de hiatos, como o apagamento ou a semivocalização de vogal e a crase de vogais centrais.

O fenómeno de haplologia foi inicialmente descrito por Sá Nogueira (1938) como um processo dissimilatório, consistindo no apagamento da última sílaba de uma palavra quando a palavra seguinte é iniciada por uma sílaba idêntica. Frota (1995, 2000) mostra que a ocorrência do fenómeno é também condicionada pela estrutura prosódica, já que ele apenas ocorre dentro de IP (como em 5), sendo bloqueado quando uma fronteira de IP intervém entre as duas sílabas idênticas (como ilustrado em 6).

- | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--|
| (5) [[O campo] _{PhP} [p <u>o</u> dia estender-se] _{PhP} [até ao ribeiro] _{PhP}] _{IP} | ^{OK} <i>campodia</i> | |
| (6) [[O campo] _{IP} [p <u>o</u> rque foi leiloado] _{IP} [rendeu algum dinheiro] _{IP} | * <i>camporque</i> | |
| (Frota, 2000: 76) | | |

O apagamento e semivocalização da vogal recuada em posição final de uma palavra (V1) seguida de outra que começa também com vogal (V2) são duas estratégias possíveis para a resolução de hiatos no PE. Estes fenómenos só se verificam se cumprirem determinados requisitos prosódicos, nomeadamente, se a sequência V1_V2 ocorrer dentro de PhP ou entre PhP, mas não entre IP, como ilustrado em (7-9), respetivamente (Frota, 2000).

- | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|--|
| (7) [As oito <u>a</u> lunas] _{PhP} | ^{OK} <i>oitalunas</i> | |
| (8) [O músic <u>o</u>] _{PhP} [a <u>c</u> eitou] _{PhP} [o emprego] _{PhP} | ^{OK} <i>musicac eitou</i> | |
| (9) [O músic <u>o</u>] _{IP} [a <u>p</u> ós a audição] _{IP} [saltou para a plateia] _{IP} | * <i>musicapós</i> | |
| (Frota, 2000: 84) | | |

A crase de vogais centrais encontra-se descrita para o PE como sendo sensível ao acento lexical (Andrade & Viana, 1994). Frota (1995, 2000) acrescenta que o processo é também sensível à organização das frases em constituintes prosódicos. Neste sentido, e à semelhança dos processos fonológicos acima descritos, a crase dá-se unicamente quando a sequência V1 V2 ocorre dentro de PhP ou entre PhPs, como mostram os exemplos em (10) e (11), respetivamente. O domínio de IP bloqueia a ocorrência do fenómeno, como exemplificado em (12).

- | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--|
| (10) [A <u>a</u> luna] _{PhP} | ^{OK} [a]luna | |
| (11) [A aluna <u>a</u>] _{PhP} [a <u>c</u> eitou] _{PhP} [o emprego] _{PhP} | ^{OK} alun[a]c eitou | |
| (12) [A aluna <u>a</u>] _{IP} [a <u>p</u> ós o exame] _{IP} [foi para a discoteca] _{IP} | *alun[a]pós | |
| (Frota, 1995: 233) | | |

Em resumo, um conjunto de processos fonológicos do PE aplica-se no interior de um domínio prosódico particular (nos casos revistos, IP). Conforme ilustramos na secção 2.1.2, porém, para além do

domínio de ocorrência, também os níveis de proeminência são relevantes, podendo determinar a não ocorrência de um fenómeno que reúne as restantes condições segmentais e prosódicas.

2.1.2. Relevância dos níveis de proeminência

Frota (2000, 2014) mostra que a opção pela estratégia do apagamento ou da semivocalização de vogal recuada em sequências V1 V2 não é apenas explicada pelo domínio prosódico, na medida em que, entre PhPs, existem duas possibilidades de resolução de adjacência vocálica: (i) nuns casos, apenas a estratégia de semivocalização é possível, conforme ilustrado em (13); (ii) noutros, ambas as estratégias (semivocalização ou apagamento) são possíveis, como se observa em (14).

- (13) [O músico]_{PhP} [ama]_{PhP} [a bailarina russa]_{PhP} *músicama;
^{ok}músic[w]ama
- (14) [O bailarino]_{PhP} [anda sempre]_{PhP} [de limusine preta]_{PhP} ^{ok}bailarianda;
^{ok}bailarin[w]anda
- (Frota, 2000: 87-88)

Na verdade, a diferença prosódica entre (13) e (14) não é explicada pela configuração prosódica de V1 e V2, que apresentam a mesma distribuição prosódica, mas antes pelos níveis de proeminência de V2: em (13), mas não em (14), V2 é portadora de acento de PhP. Com base nestas observações, a autora conclui que a estratégia de apagamento é bloqueada quando V2 recebe proeminência de PhP.

Também a proeminência de níveis prosódicos abaixo do PhP pode ser relevante para a ocorrência de fenómenos fonológicos. Vigário (2003, 2010) mostra que a queda da vogal fonológica não-recuada não-alta em fim de PW (e.g. *bebe* → *beb*) é obrigatória no interior de PWG. Contudo, o nível de proeminência de V2 pode determinar o bloqueio do processo de apagamento. Conforme ilustrado em (15), a queda da vogal é bloqueada quando V2 é cabeça de PWG; se V2 não for o elemento proeminente de PWG, o fenómeno de apagamento de V1 não é bloqueado (no exemplo, sublinhado identifica a vogal fonológica relevante; negrito indica V2 cabeça de PWG; duplo sublinhado marca V2 não cabeça de PWG).

- (15) *RFM* (erre efe **eme**) ((erre)_{PW} (efe)_{PW} (**eme**)_{PWG}) ^{ok}['ɛR 'ɛfj 'ɛm]; *['ɛR 'ɛf 'ɛm]

(adaptado de Vigário, 2003: 242)

Um outro fenómeno de resolução de hiato sensível à proeminência, neste caso de PW, é o da inserção de glide no interior de PW para quebrar hiato (ex.: *passaio*, /paseu/, [pəs'ɛju]): a semivogal [j] é inserida entre vogais quando V1 é a vogal média /e/ e é portadora de acento de palavra (Mateus, 1975; Vigário, 2003). Este fenómeno difere dos anteriores por ser lexical, não operando em sequências obtidas pós-lexicalmente.

2.1.3. Relevância do estatuto fonológico das palavras

Além do domínio prosódico e do nível de proeminência, o estatuto fonológico das palavras envolvidas nos processos fonológicos também pode condicionar a sua aplicação. Ilustra-se este ponto com o processo de elisão de vogal não-recuada em posição átona e final de palavra. Vigário (2003) mostra que este processo fonológico é obrigatório e categórico quando V1 integra uma PW. Tal como os exemplos em (16) mostram, se V1 integrar um CL, o processo obrigatório de elisão não opera; neste caso, a ausência de vogal é opcional e resulta de um processo gradual de redução que afeta palavras de elevada frequência (no exemplo (16b), *que* é proclítico, adjunto prosódico a PW).

- (16) a. (disse)_{PW} o João 0/*[j]
 b. ((que (ouvi)_{PW})_{PW} 0/[j]

(Vigário, 2003: 106-107)

Também em (16) fica claro que V2 pode fazer parte de um CL (como em 16a) ou de uma PW (como em 16b). Contudo, a natureza fonológica do CL, quer no caso de V1 quer no caso de V2, também

é determinante: se o clítico for um pronome pós-verbal, é incorporado na PW hospedeira precedente. No caso de esta última terminar em vogal átona não-recuada, como no exemplo em (17), o processo não opera já que V1, nestes casos, não é final de PW; em contrapartida, se o clítico for proclítico, ele associa-se à PW à sua direita, como em (16a), não afetando a ocorrência da elisão na PW precedente.

(17) (dissg-o)_{PW} *0/[j]

(Vigário, 2003: 106-107)

Tanto quanto sabemos, não há, para o PE, uma descrição de fenómenos fonético-fonológicos segmentais em variação no território tendo em conta os fatores prosódicos identificados acima. Neste trabalho, propomo-nos fazer uma primeira descrição das condições prosódicas (para além do acento de palavra) relevantes para a ocorrência de inserção de glide para quebrar hiato entre palavras, tradicionalmente apontada como sendo característica da variedade setentrional do PE (Cintra, 1971). Na nossa análise, avaliaremos as três dimensões prosódicas que podem afetar a realização de processos fonológicos revistas acima: o papel do domínio prosódico, do nível de proeminência de V2 e do estatuto fonológico das palavras a que pertence V1.

2.2. Estudos de Variação no Português Europeu

2.2.1. Variação não-prosódica

A variação linguística contemplava, até muito recentemente, apenas questões fonético-fonológicas segmentais, morfológicas, sintáticas e lexicais.

Relativamente aos aspetos fonético-fonológicos segmentais, Cintra (1971) estabelece um conjunto de traços que permitem delimitar duas grandes áreas dialetais no Português continental: a setentrional e a centro-meridional.

As variedades setentrionais, essencialmente caracterizadas pela presença de traços mais conservadores do que as variedades centro-meridionais, subdividem-se em duas outras regiões: Transmontana e Alto-Minhota, e Baixo Minhota, Duriense e Beirã. A primeira região caracteriza-se pela manutenção do sistema das quatro sibilantes – as fricativas surda [s] e sonora [z], associadas aos grafemas <c(e, i)>, <ç> e <z>, e as realizações ápico-alveolares correspondentes [ʃ] e [ʒ], associadas aos grafemas <s> e <ss>. A segunda região caracteriza-se pela redução do sistema de quatro sibilantes às duas realizações ápico-alveolares (Cintra, 1971: 102).

As variedades centro-meridionais também se subdividem em duas regiões: Litoral Centro e Interior Centro e Sul. Estas duas regiões diferem entre si num aspeto segmental: a redução do ditongo [ej] a [e], no Interior Centro e Sul. Lisboa, embora incluída na região do Interior Centro e Sul, apresenta um comportamento fonológico similar ao do Litoral Centro, na medida em que mantém o ditongo [ej], produzido, no entanto, como [ɐj] (ver revisão em Segura, 2013).

Mais recentemente, outros estudos têm sido desenvolvidos na área da variação fonético-fonológica, onde também são discutidas variáveis sociolinguísticas como a escolaridade, o sexo e a idade. Rodrigues (2003) compara aspetos da fonologia segmental na variedade *standard* do PE (SEP – Lisboa) e na região do Norte (Braga). São considerados, neste trabalho, os fatores sociais escolaridade, sexo e idade. A este respeito, a autora mostra, por exemplo, que (i) os falantes de Braga com um nível de escolaridade elevado adotam, frequentemente, o uso da variedade *standard*; (ii) o apagamento da vogal pós-tónica em final de palavra ocorre mais nos homens do que nas mulheres; e (iii) os falantes da faixa etária mais jovem apresentam uma percentagem de ocorrência deste fenómeno fonológico de apagamento superior à registada na faixa mais idosa. Aguiar (2008) e Aguiar & Vigário (2010) observam fenómenos fonológicos e unidades fonológicas (segmentos, sílabas e acento), na região da Terra Quente Transmontana e concluem que a idade e a escolaridade são os fatores sociais que mais afetam o comportamento linguístico e, portanto, que mais contribuem para a identificação do perfil de falantes da região estudada.

Na linha da pesquisa de Cintra, vários Atlas têm sido desenvolvidos desde os anos 70, envolvendo grandes recolhas de materiais, incidindo nas áreas de lexicologia: ALLP (Vitorino coord., 1985-), ALEPG (Saramago coord., 1992-), ALEAç (Saramago coord., 1994-). Estes materiais foram depois transcritos e anotados para fins sintáticos, estando na origem do CORDIAL-SIN (Martins coord., 1999-), um *corpus*

orientado para o estudo de aspetos sintáticos. O conhecimento da variação sintática e morfológica que se foi desenvolvendo no PE beneficiou do uso destes recursos, permitindo identificar a distribuição geográfica de um conjunto de estruturas sintáticas não-*standard* (Martins, 2003; Pereira, 2003; Magro, 2007; Lobo, 2008, *inter alia*). Reunindo as descrições anteriores, Carrilho & Pereira (2011) propõem isoglossas para cada estrutura sintática não-*standard* considerada. As autoras concluem que a sua distribuição geográfica coincide com as áreas dialetais propostas com base nos fenómenos fonético-fonológicos segmentais (Cintra, 1971; Segura & Saramago, 2001).

Mais recentemente, Segura (2013: 92-94) propõe a adição de uma nova isoglossa às inicialmente propostas por Cintra (1971), também baseadas em traços segmentais, a qual delimita a cobertura geográfica do fenómeno da inserção da glide entre vogais centrais. De acordo com a autora, o fenómeno prolonga-se desde o lado ocidental do território português a norte de Vieira de Leiria, até Castelo Branco, passando por parte do distrito de Santarém.

Embora a descrição em Segura (2013) constitua um contributo importante para o conhecimento da área de ocorrência do fenómeno, nada ainda é dito acerca das condições prosódicas para a ocorrência de inserção de glide entre vogais centrais, para além da presença de acento em V2. A presente investigação visa contribuir, antes de mais, para a descrição deste fenómeno tendo em conta considerações de natureza prosódica.

2.2.2. Variação prosódica

Questões prosódicas, como a entoação e o ritmo, apenas recentemente começaram a ser abordadas do ponto de vista da variação. Vigário & Frota (2003) e Frota & Vigário (2007) comparam a entoação de duas variedades do PE – setentrional, de Braga (NEP) e SEP, e observam que estas duas variedades diferem entre si no que diz respeito ao fraseamento prosódico dominante, à tipologia de acentos tonais e de contornos nucleares e à densidade tonal.

Estes mesmos aspetos prosódicos foram analisados em dois pontos da variedade centro-meridional, um do distrito de Beja, outro do distrito de Faro (Cruz & Frota, 2011, 2012, 2013; Cruz, 2013; Frota et al., no prelo), comparando resultados com os obtidos para o NEP e SEP. A título de exemplo, no distrito de Beja (Ale), verifica-se, como no NEP, uma preferência pelo padrão de fraseamento do tipo (Sujeito)(Verbo Objeto), enquanto no distrito de Faro (Alg), como no SEP, predomina o fraseamento do (SVO) num único IP. Já em termos de densidade tonal, apenas o SEP se destaca com uma distribuição esparsa de acentos tonais, contrastando com as restantes regiões estudadas, onde se observa uma distribuição tonal densa. As autoras procuram ainda delimitar áreas de convergência e divergência entre variação prosódica e variação segmental. Esta tentativa esteve também na origem da primeira proposta de representação cartográfica da variação prosódica no Português Europeu (Cruz, 2013: 121-123), salvaguardando-se, embora, o facto de ser uma proposta bastante preliminar, na medida em que mais regiões precisam de ser estudadas para se poder discutir a (in)existência de (des)continuidade na variação prosódica.

O ritmo no Português foi inicialmente examinado por Frota & Vigário (2001) e Frota, Vigário & Martins (2002a, b), comparando a variedade *standard* do PE com o Português do Brasil (PB), na variedade falada em São Paulo. Cruz (2013) segue a mesma metodologia e analisa o ritmo na variedade centro-meridional do PE, mostrando que há variação rítmica nas variedades do PE e que, ao contrário do que se verifica entre PE e PB (Frota, Vigário & Martins, 2002a, b), a entoação parece não desempenhar um papel relevante, na medida em que a discriminação entre variedades do PE se verifica independentemente da preservação de F0 no sinal acústico.

Quanto à análise prosódica dos fenómenos fonológicos segmentais, sob uma perspectiva variacionista, ainda pouco se sabe. Cruz (2013), partindo do *corpus* e dos critérios metodológicos de Frota (1995, 2000), analisa um dos fenómenos de *sandhi* mais estudados no PE, o vozeamento da fricativa, com o intuito de verificar se este fenómeno, como no SEP, também é sensível ao fraseamento, e se fornece evidência para outros domínios da estrutura prosódica que não o IP. Além disso, Cruz (2013) faz uma primeira análise prosódica do fenómeno da paragoge (i.e. epêntese vocálica no final de palavra), tradicionalmente descrito como específico da região centro-meridional (Vasconcellos, 1890-92, 1896, 1987: 87; Maia, 1975; Florêncio, 2001), procurando verificar se este processo, como o vozeamento da fricativa, é sensível à estrutura prosódica e se fornece evidência para outros domínios prosódicos, além do IP. Adicionalmente, a análise da paragoge incidiu ainda na comparação entre duas faixas etárias, por

forma a discutir o impacto deste fator extralinguístico na variação. Cruz (2013) observa que ambos os fenómenos, na variedade centro-meridional, fornecem evidência para o domínio prosódico do IP, tal como no SEP. O vozeamento da fricativa na variedade centro-meridional só difere do SEP em termos de realização fonética: além da realização *standard* [z], [ʒ] também ocorre, embora mais frequentemente no distrito de Faro do que no distrito de Beja). Quanto à paragoge, trata-se de um fenómeno opcional, desencadeado por fatores segmentais e prosódicos (só ocorre no final de IP), que não tem, na variedade centro-meridional, o mesmo funcionamento que a inserção vocálica de *schwa* em fim de IP no SEP (vide Frota, 2014 e Frota et al., no prelo para uma revisão deste aspeto). Interessantemente, a faixa mais nova apresenta a ocorrência deste fenómeno, embora em menor quantidade do que na faixa mais idosa, o que não significa, no entanto, necessariamente, que o fenómeno se encontra em perda.

Na mesma linha de investigação, e com vista a contribuir para o conhecimento da variação prosódica no PE, o presente estudo pretende explorar o fenómeno da inserção de glide para quebrar o hiato entre vogais centrais, tradicionalmente descrito como específico do Norte, tendo em conta o domínio prosódico de ocorrência do fenómeno, bem como a influência do nível de proeminência e do estatuto fonológico das palavras em que as vogais centrais se encontram. Pretendemos também contribuir para a expansão do conhecimento sobre variação linguística nas suas três vertentes fundamentais: (i) variação diatópica, na medida em que pretendemos vir a cartografar a distribuição prosódica do fenómeno, contemplando o contraste entre zonas urbanas e zonas rurais; (ii) variação diastrática, ao considerarmos na análise do fenómeno fatores socioculturais como a idade; e (iii) variação diafásica, ao compararmos dados de diferentes tipos de modalidade discursiva, obtidos por meio de diferentes tarefas, como veremos abaixo.

3. Metodologia

Foram selecionados dois pontos de recolha a Noroeste de Portugal Continental (Viana do Castelo e Porto), no âmbito do Projeto *InAPoP – Atlas Interactivo da Prosódia do Português*². Em cada um dos distritos, foram recolhidos dados num ponto urbano (U) e num ponto rural (R), a saber: Arcos de Valdevez (ArV) e Castro Laboreiro (CtL), respetivamente U e R, no distrito de Viana do Castelo, e Ermesinde (Erm) e Gião (Gia), respetivamente U e R, no distrito do Porto.

Em cada uma das regiões foram gravadas seis informantes do sexo feminino, pertencentes a duas faixas etárias: dos 20 aos 45 anos de idade e 60 ou mais anos. As informantes são naturais das zonas acima descritas e não se ausentaram da região durante períodos longos de tempo. As recolhas foram feitas *in loco*, em sala silenciosa e com luz natural. Os dados foram registados em formato vídeo (.mov) e áudio (com microfone externo de orelha). Para a extração do áudio, em formato .wav, utilizou-se o *AoA (Audio Extractor Basic*, v. 2.2.8) com uma frequência de amostragem de 22050 Hz, em formato mono.

Para a presente análise, considerámos dados de três das tarefas previstas nas recolhas do *InAPoP*: Leitura, *Map Task* e Entrevista.

Da tarefa de leitura, analisámos 24 enunciados que incluem 210 contextos potenciais para o fenómeno da inserção de glide (i.e. contêm sequências de vogais centrais em que V2 é portadora de acento de palavra), controlados em termos de (i) domínio prosódico – ver (18) a (21), exemplificando sequências vocálicas no interior de cada um dos domínios considerados; (ii) nível de proeminência – ver (22) a (24), ilustrando os diversos níveis de proeminência de V2; (iii) estatuto fonológico da palavra a que V1 pertence – ver (25) e (26), exemplificando sequências em que V1 pode pertencer a um clítico ou a uma PW, respetivamente.

(18) *V1 V2 em interior de PW*

Nunca tinha ouvido falar da região de Simaári Cura, na África Oriental; e tu?

(19) *V1 V2 em interior de de PWG*

Sabes se há algum campeonato onde se joguem os trinta avos de final?

² Ver metodologia descrita na plataforma *InAPoP* (Frota, Sónia & Marisa Cruz (Coords.) (2012-2014) *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese Web platform*), acessível em <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/InAPoP/>.

- (20) *V1 V2 entre PhP*
Um amigo meu importava **aves** raras do Brasil.
- (21) *V1 V2 entre IP*
Quanto à **Maria**, aulas às oito da manhã nunca lhe agradaram.
- (22) *V2 portadora de proeminência de PW*
O avô Joaquim andou por sítios de que nunca ouvi falar, como a cidade de **Faátu** e os Jardins de Cimabué.
- (23) *V2 portadora de proeminência de PWG*
A matrícula do meu novo carro é **J(ota)A**-18-18.
- (24) *V2 portadora de proeminência de PhP*
O Pedro falou **da Ana** a uma antiga amiga.
- (25) *V1 pertencente a CL*
O jornalista perguntou **a_{CL}** Ana Moura pelo seu cachimbo novo.
- (26) *V1 pertencente a PW*
Um amigo meu importava_{PW} aves raras do Brasil.

Os enunciados foram lidos duas vezes, por ordem aleatória, por cada informante, à exceção de uma informante de CtL e outra de Erm, o que totaliza 2032 enunciados em ArV, 1778 em CtL, 2286 em Erm e 1524 em Gia.

Da *map task*, tarefa (semi-)espontânea em que foram introduzidos deliberadamente elementos potenciadores de inserção (e.g. pontos do mapa que têm de ser referidos incluem lojas com os nomes *Moda Ana Alves* e *Novo Arte* e uma árvore), foram selecionados os enunciados produzidos sem sobreposição entre falantes e sem ruído de qualquer espécie que pudesse comprometer a transcrição segmental dos enunciados nos pontos relevantes. Foram considerados para a análise os fatores segmentais e prosódicos considerados na leitura. Aqui identificaram-se 15 contextos de inserção potencial de glide em ArV, 8 em CtL, 3 em Erm e 7 em Gia.

Para a entrevista, tarefa espontânea, foi utilizada a metodologia seguida na *map task*, ou seja, foram selecionados todos os contextos possíveis de inserção vocálica, resultando em 3 enunciados em ArV, 7 em CtL, 6 em Erm e 7 em Gia.

Numa primeira fase, todos os dados foram sujeitos a uma análise perceptiva por parte de dois investigadores. Assinalaram-se os casos de ocorrência dúbia, que foram posteriormente submetidos à perceção de um terceiro investigador, bem como a análise espectrográfica. Todos os enunciados foram anotados em *Praat* (Boersma & Weenink, 2007), de acordo com os critérios metodológicos definidos no âmbito do projeto *InAPoP*: (i) uma fiada de anotação ortográfica, palavra a palavra, (ii) uma fiada de transcrição fonética, refletindo a ressilabificação resultante dos fenómenos de *sandhi* da língua/variedade, (iii) uma fiada de anotação de fronteiras prosódicas, para a etiquetagem da estrutura prosódica do enunciado (0=CL, 1=PW, 2=PWG, 3=PhP, 4=IP), de acordo com o sistema de anotação entoacional P_ToBI (ver Frota 2014), e (iv) uma fiada segmental, onde a realização do fenómeno foi anotada, alinhada com a respetiva fronteira prosódica realmente produzida, i. e., respeitando casos de reestruturação prosódica (Figura 1).

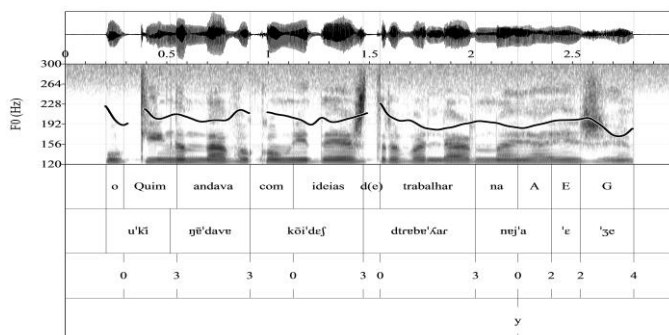


Figura 1 – Fiadas para anotação ortográfica, fonética, prosódica e segmental em *Praat* do enunciado ‘O Quim andava com ideias de trabalhar na AEG.’ (produzido pela informante SD de CtL).

4. Resultados e discussão

Nesta secção, procedemos à análise dos dados tendo em conta cada um dos aspetos prosódicos identificados acima como potencialmente relevantes para a ocorrência de fenómenos puramente fonológicos: domínio prosódico em que se encontram V1 e V2 (secção 4.1), nível de proeminência de V2 (secção 4.2) e estatuto fonológico da palavra a que pertence V1 (secção 4.3). Em cada uma das subsecções, consideraremos ainda as variáveis região e urbano vs. rural e modalidade discursiva; na subsecção final analisamos os dados também em função da faixa etária dos falantes.

4.1. Domínio prosódico em que ocorre V1 e V2

Porque a leitura representa, de todas as tarefas consideradas, a modalidade discursiva mais controlada, no sentido em que os contextos prosódicos para a ocorrência da inserção de glide foram deliberadamente elicitados e não variam nas produções dos vários sujeitos, optamos por iniciar a nossa análise dos dados por esta modalidade discursiva.

Em todas as regiões, a fronteira de IP bloqueia o processo (para cada localidade, o número total de enunciados com contextos potenciais de inserção atravessando fronteira de IP foi: ArV 20; CtL 14; Erm 22; Gia 18). Este facto por si é relevante, na medida em que revela que o domínio do processo é IP ou um constituinte fonológico abaixo deste. Face a esta observação, na apresentação dos dados que se segue omitimos sistematicamente este contexto particular, onde o comportamento descrito é sistemático e transversal a todas as áreas de recolha.

Na Figura 2 apresentamos os dados referentes à presença de glide em função da sua posição na estrutura prosódica. Importa precisar que aqui, e na subsecção seguinte, incluímos apenas dados relativos a V1 pertencente a PW, já que quando V1 pertence a CL a configuração prosódica é sempre de adjunção a PW (esta configuração estrutural específica é tratada sistematicamente na subsecção 4.3); para além disso, nesta Figura e nas restantes, os algarismos sobre cada barra indicam o número de contextos potenciais de inserção, sobre o qual a percentagem de ocorrência efetiva é calculada.

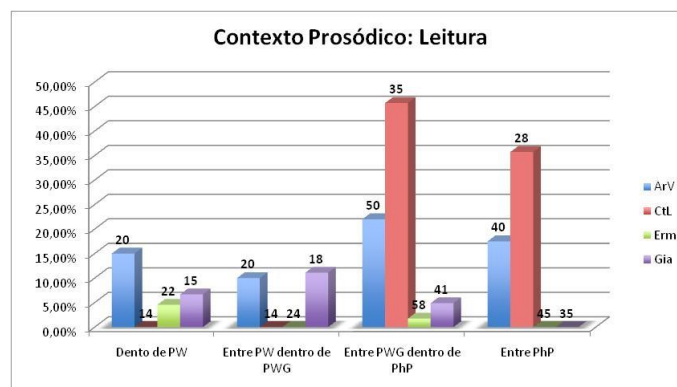


Figura 2 – Ocorrência de glide por contexto prosódico (leitura), por região (V1 pertence a PW). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Globalmente, podemos observar que o fenómeno opera nas várias regiões em diversas configurações prosódicas, e com frequência variável, desde o nível mais baixo, em interior de PW até entre PhP. Partindo do domínio mais baixo (interior de PW), observamos que em todas as áreas, com a exceção de CtL, há inserção de glide neste contexto. A ocorrência em interior de PW nessas localidades é uma observação importante, já que o fenómeno tem sido caracterizado na literatura como operando entre palavras. Do ponto de vista da caracterização prosódica, o processo deverá assim ser descrito como operando entre V1 e V2 sem referência à fronteira de palavra, no interior de um domínio maior (que será maximamente IP). Trata-se portanto de uma regra *span*, nos termos de Nespor & Vogel (1986/2007). Em CtL a inserção de glide não ocorre no interior de PWG, mas apenas entre PWG, incluindo entre PhP. Estes dados podem sugerir que o processo nesta localidade se aplica quando V1 está no limite de PWG,

no domínio de IP (regras com este tipo de aplicação são chamadas em Nespor & Vogel 1986/2007 *domain limit rules*). Um contexto crucial para percebermos se se trata aqui, efetivamente, de um fenómeno que opera quando V1 se encontra em fim de PWG apenas é o que envolve CL. Na verdade, apenas se a inserção não operar nesse caso esta análise pode ser mantida, já que os CL não formam PWG por si só (esse assunto é tratado na secção 4.3 abaixo).

Nos restantes pontos geográficos, o fenómeno parece ocorrer desde o domínio mais baixo, embora Erm não apresente instâncias de inserção entre PW no interior de PWG. Para além disso, o domínio de aplicação da regra pode variar, já que apenas em ArV e CtL a inserção de glide ocorre entre PhP. Nestas últimas o processo tem como domínio IP, enquanto em Erm e Gia os dados de leitura apenas sugerem que esse domínio é PhP.

As observações referentes ao domínio de ocorrência do fenómeno não são inteiramente confirmadas, contudo, quando observamos a distribuição prosódica do fenómeno nas tarefas (semi-)espontâneas (Figura 3). Aqui os contextos potenciais para a inserção de glide apenas surgiram nas configurações prosódicas entre PWG dentro de PhP, e entre PhP, embora esta última só com uma ocorrência em Erm e outra em Gia. Note-se a este respeito que a *map task* foi deliberadamente concebida de modo a potenciar alguns dos contextos em estudo (e.g. no mapa sobre o qual os sujeitos falam existe o ponto “Moda Ana Alves”), o que explica a grande assimetria entre os dados obtidos nessa modalidade e os obtidos na entrevista, que é a modalidade menos controlada e onde quase não surgiu o contexto relevante. Independentemente dos valores potenciais ou efetivos de inserção, verifica-se que todos os pontos geográficos exibem inserção entre PWG, incluindo Erm, onde na modalidade de leitura não foi encontrada inserção neste contexto. Para além disso, os dados de Gia mostram que o fenómeno nesta localidade ocorre entre PhP, contexto em que também não foi detetada inserção na modalidade de leitura.

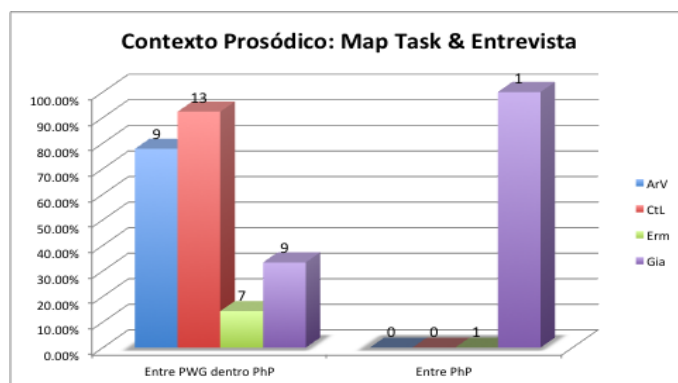


Figura 3 – Ocorrência de glide por contexto prosódico (tarefas semi-espontâneas), por região (V1 pertence a PW). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Estes resultados são reveladores da importância da metodologia de recolha adotada, que contempla diferentes modalidades discursivas: por um lado, na modalidade de leitura não emergiram realizações que a gramática dos falantes parece permitir, uma vez que elas foram encontradas nas modalidades (semi)espontâneas; por outro lado, nas modalidades (semi-)espontâneas não apareceram contextos relevantes para a descrição do processo, e que puderam ser sistematicamente elicitados na recolha através de leitura, e o número de contextos que fornecem dados para análise é bastante diminuto.

Antes de concluir esta sub-secção, importa ainda dizer que, para além das diferenças geográficas no domínio dentro do qual o processo de inserção opera, é evidente a assimetria na frequência de ocorrência da inserção entre as 4 localidades (ArV, CtL>Gia>Erm). Os resultados não sugerem um padrão de frequência de ocorrência de glide em função da dicotomia rural/urbano, mas antes da distância relativamente ao centro urbano mais importante (Porto).

Em suma, os resultados de todas as regiões mostram que o fenómeno é opcional e tem como domínio IP, havendo variação entre localidades na taxa de incidência da inserção em função da configuração prosódica em que se encontram V1 e V2 e das modalidades discursivas.

4.2. Níveis de proeminência em V2

Partindo dos níveis de proeminência identificados na secção de metodologia (secção 3), e considerando neste sub-ponto, como no anterior, apenas os dados em que V1 pertence a PW, passemos agora à análise dos dados tendo em conta o estatuto de V2 como cabeça (posição proeminente de PWG ou PhP) vs. não-cabeça (posição não proeminente de PWG ou PhP).

Na Figura 4 apresentamos os dados referentes à modalidade de leitura e às tarefas (semi-)espontâneas. Importa notar que nestas últimas não foram produzidos contextos potenciais de inserção em que V2 não receba um nível de proeminência superior ao de PW.

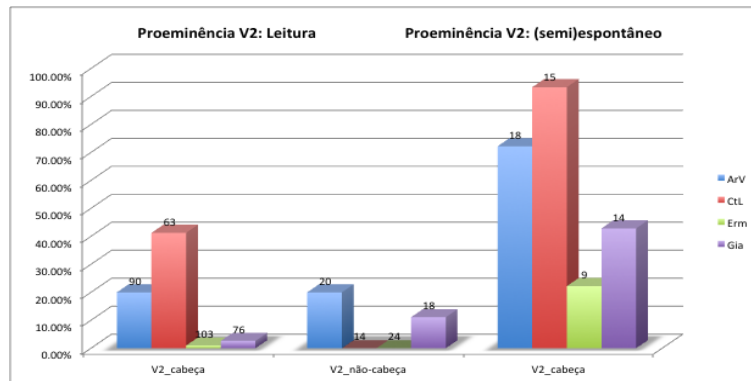


Figura 4 – Ocorrência de glide em função da presença de proeminência em V2 acima do nível da palavra (leitura e tarefas semi-espontâneas), por região (V1 pertence a PW). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Consideremos primeiramente os dados de leitura. Apenas em CtL a presença de proeminência de V2 superior a PW potencia significativamente o fenómeno (cerca de 40% vs zero ocorrências). Em ArV a taxa de inserção é sensivelmente a mesma quer V2 receba proeminência acima de PW quer não. Em Gia este fator também não parece afetar os resultados, tal como em Erm. Na verdade, nestas localidades a maior parte dos casos de inserção ocorreu quando V1 pertence a CL (a sensibilidade ao acento quando V1 faz parte de CL é tratada na secção seguinte).

Confrontando estes resultados com os encontrados nas tarefas (semi-)espontâneas (lembramos que aqui V2 é sempre portadora de proeminência superior a PW), verificamos que nestas a frequência de inserção aumenta de modo evidente em todas as localidades. Efetivamente, nesta condição acentual e na modalidade de recolha (semi-)espontânea a ocorrência de inserção é de 20% dos contextos potenciais em Erm e de 40% em Gia, atingindo os 70% em ArV e os 90% em CtL.

Conjugando os resultados referentes ao efeito da proeminência de níveis superiores a PW em V2 com os observados na leitura, tendo em conta a configuração prosódica em que ocorrem V1 e V2 (subsecção 4.1), podemos concluir que a sensibilidade à proeminência acima de PW não é a mesma em todos os domínios de igual modo nas diferentes regiões (ver Figura 5).

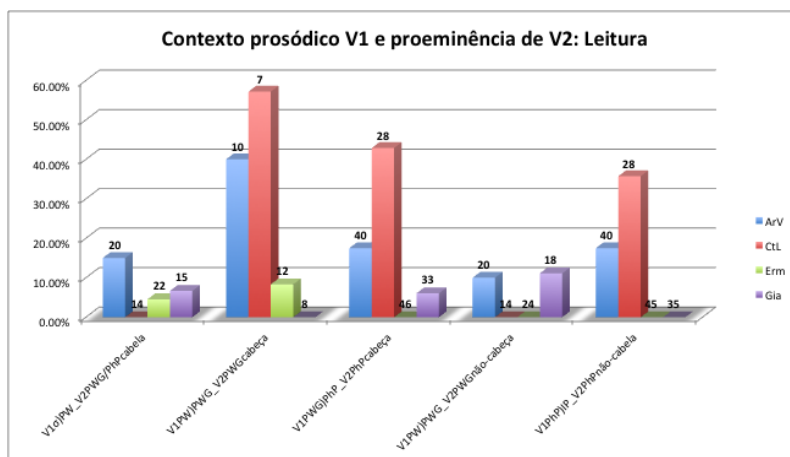


Figura 5 – Ocorrência de glide em função da presença de proeminência em V2 acima do nível da palavra (leitura), por região (V1 pertence a PW). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Este gráfico mostra que na generalidade das localidades a presença de proeminência acima da palavra em V2 potencia a inserção: em ArV e CtL isso acontece independentemente do nível de proeminência concreto, enquanto em Erm a glide apenas ocorre quando V2 é portadora de proeminência de PWG. Como visto anteriormente, apenas Gia não revela sensibilidade a este parâmetro, pelo menos quando V1 pertence a PW.

Em ArV a presença de níveis de proeminência acima de PW correlaciona-se com uma maior taxa de inserção, embora de modo pouco significativo: quando V é não-cabeça de PWG a inserção não chega a 10% dos contextos potenciais; em todas as restantes condições, V2 tem pelo menos proeminência de PWG e os valores de inserção são superiores a 10%, chegando a atingir quase 50% quando V1 e V2 estão dentro de PWG e V2 recebe a proeminência de PWG.

Em CtL, como vimos acima, contrariamente às restantes localidades, o fenómeno não ocorre em interior de PW. Por isso, é apenas entre palavras que a presença de nível superior de proeminência em V2 pode ter algum papel. Os dados mostram que, efetivamente, esse contexto potencia a ocorrência do processo (PWG mais de 50% e PhP mais de 40%). Pelo contrário, a ausência de proeminência em níveis baixos inibe-o (zero ocorrências). Regista-se um nível assinalável de inserção de glide na condição entre PhP, em que V2 é portadora de acento de PWG mas não de PhP.

Em Erm o fenómeno é pouco frequente e apenas ocorre em domínios baixos (PWG) e quando V2 é portadora de proeminência de PWG, não se tendo registado inserção nesse domínio quando V2 não é cabeça de PWG.

Os dados de Gia não revelam um padrão claro de sensibilidade à proeminência superior a PW, uma vez que a presença ou ausência de inserção parece independente de V2 ser ou não cabeça de PWG ou PhP e de ambas as vogais estarem no interior de PWG ou não.

Vejamos agora os dados na modalidade (semi-)espontânea, onde como vimos não foram produzidos contextos potenciais de inserção em que V2 não receba um nível de proeminência superior ao de PW (Figura 6).

ONDE (AINDA [j])HÁ O FENÓMENO?
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA INSERÇÃO DE GLIDE ENTRE VOGAIS CENTRAIS

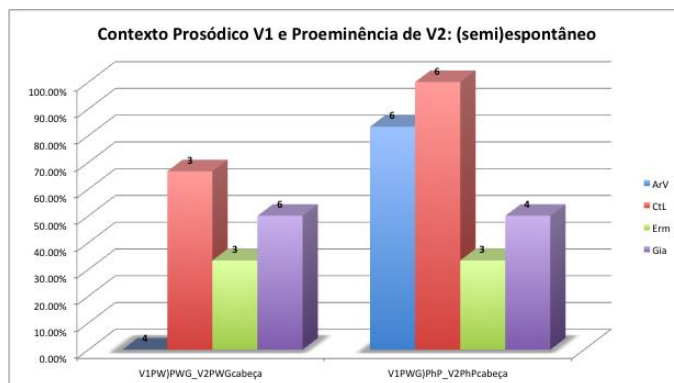


Figura 6 – Ocorrência de glide em função da presença de proeminência em V2 acima do nível da palavra (tarefas semi-espontâneas), por região (V1 pertence a PW). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

No caso de ArV e CtL a inserção é mais frequente entre PhP do que dentro de PWG (a inserção não chega a ocorrer nesta última posição em ArV). Em Erm e Gia, pelo contrário, não há diferenças na frequência da inserção em função do domínio prosódico.

Comparando as tarefas (semi-)espontâneas com a leitura nos contextos comparáveis (entre palavras e V2 sendo portadora de acento de PWG ou PhP), verifica-se que, com a exceção de ArV, na condição entre PW em interior de PWG, em geral, a modalidade (semi-)espontânea resulta num aumento claro da taxa de inserção, em particular na condição entre PhP, onde a inserção mais que duplica em todas as regiões ou emerge com valores expressivos, quando na leitura não ocorreu.

Em resumo, o nível de proeminência de V2 acima de PW parece favorecer a ocorrência de glide na generalidade dos pontos de recolha, embora essa tendência não se tenha verificado em Gia.

4.3. Estatuto fonológico da palavra que integra V1

Tendo em conta o estatuto fonológico da palavra que integra V1 (i.e. V1 é final de CL ou de PW), e considerando os dados de todas as modalidades discursivas, observamos que existe maior taxa de inserção quando V1 é CL em todas as localidades (ver Figura 7). Para além disso, e com a exceção de Gia, quando V1 pertence a CL a taxa de inserção é especialmente elevada, ocorrendo na maior parte dos enunciados em que o contexto de inserção potencial se verifica: ArV - 75% CtL - 88%; Erm - 70% e Gia - 28%, quando V1 pertence a CL vs. ArV - 17% CtL - 57%, Erm - 34% e Gia - 8%, quando V1 pertence a PW.

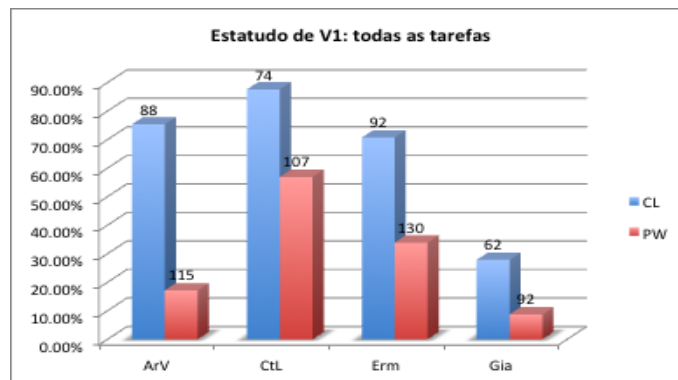


Figura 7 – Ocorrência de glide em função do estatuto de V1 (V1 pertence a CL ou PW), por variedade. Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Os resultados sugerem que a frequência de ocorrência do fenómeno diminui à medida que se avança do Norte em direção ao Centro, embora o poder de generalização desta observação careça de resultados provenientes de mais pontos geográficos.

Crucialmente, os dados mostram que em CtL a inserção se dá quando V1 pertence a CL. Isso significa que o processo não opera apenas no limite direito de PWG, como parecia ser o caso a partir apenas da descrição na secção precedente, onde se verificou que a glide não ocorre em interior de PW ou de PWG quando V1 é parte de PW. Se esta observação é correta, espera-se que o processo possa na realidade operar nesses contextos baixos também nessa localidade e que eventuais novas recolhas ou o tratamento de outros dados já recolhidos nesta localidade possam verificá-lo.

O gráfico na Figura 8 permite-nos analisar a importância do estatuto de V1 tendo em conta variáveis que já identificámos como potencialmente relacionadas com a maior ou menor taxa de inserção de glide, em particular o nível de proeminência de V2, a região e a modalidade discursiva.

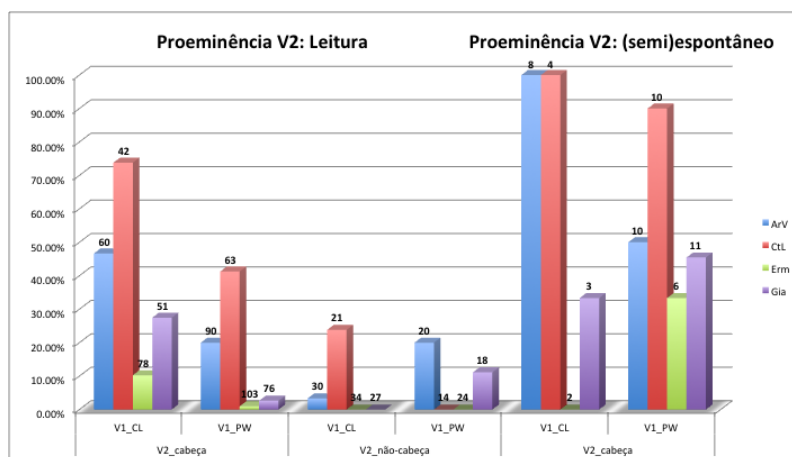


Figura 8 – Ocorrência de glide em função do estatuto de V1 (V1 pertence a CL ou PW), por variedade e modalidade discursiva (leitura e tarefas semi-espontâneas). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Observemos primeiramente os dados referentes à leitura. Em todas as localidades, quando V1 termina CL a taxa de inserção quando V2 é cabeça de constituinte e recebe proeminência acima de PW é muito superior à que ocorre quando V2 não é o elemento proeminente do seu constituinte (ArV: 47% vs. 3%; CtL: 74% vs. 24%; Erm: 10% vs 0%; Gia 28% vs 0%). Estes dados sugerem que os clíticos exacerbam a tendência observada acima em algumas localidades quando V1 pertence a PW e V2 é cabeça do constituinte a que pertence.

Quando considerados os resultados das tarefas (semi-)espontâneas, essa tendência é visível apenas em duas das localidades (ArV e CtL). Importará dizer que o número de dados nas restantes localidades é particularmente diminuto.

Para concluir esta subsecção, inspecionamos os dados tendo em conta a importância do estatuto da palavra por faixa etária. Neste caso consideramos apenas os dados de leitura, por serem diretamente comparáveis (Figura 9).

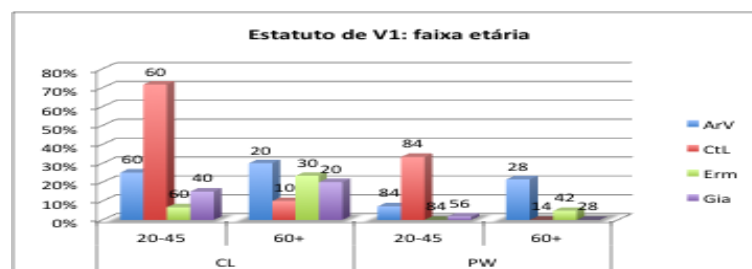


Figura 9 – Ocorrência de glide em função do estatuto de V1 (V1 pertence a CL ou PW), por faixa etária (leitura). Os algarismos sobre as barras indicam o número de contextos potenciais de inserção em cada condição.

Observando o comportamento dos falantes relativamente ao estatuto da palavra a que pertence V1 e em função da idade, verifica-se em todas as localidades e nas duas faixas etárias a mesma tendência: a inserção é mais frequente quando V1 pertence a CL do que quando pertence a PW.

Em geral, a faixa etária mais jovem exhibe menos inserção. Essa tendência inverte-se, contudo, em CtL. Na realidade, a camada mais jovem de CtL é de todos os grupos de sujeitos a que apresenta maior taxa de inserção, atingindo os 70% dos contextos potenciais quando V1 pertence a CL.

Nas localidades em que os falantes mais jovens produzem menos inserção, no entanto, não julgamos estar, necessariamente, perante um cenário de perda do fenómeno. A maior incidência de inserção nas modalidades (semi-)espontâneas sugere que esta pode ser uma opção estilística. O comportamento encontrado é, efetivamente, também compatível com a interpretação de que as participantes mais novas, eventualmente mais informadas sobre a variante *standard*, designadamente por via do nível de escolaridade ou da exposição à comunicação social, podem ter mais apetência e/ou condições para se aproximar da variedade *standard*, em contextos discursivos particulares.

Em suma, a presença de glide é claramente potenciada quando V1 pertence a um clítico, em todas as regiões e grupos etários, e em geral as faixas mais jovens tendem menos a inserir glide do que as mais idosas, embora as diferenças não sejam muito significativas.

5. Conclusão

Neste trabalho procedeu-se à análise prosódica da inserção de glide para quebrar hiato entre palavras, com o intuito de contribuir para o estudo de variação prosódica no PE. Para o efeito, seleccionámos dados de entre os recolhidos no âmbito do Projeto *InApoP*, de três das modalidades discursivas aí contempladas: leitura, *map task* e entrevista. Foram seleccionados dois distritos do país (Viana do Castelo e Porto) e duas localidades em cada distrito, uma urbana e uma rural (Arcos de Valdevez, Castro Laboreiro e Ermesinde, Gião, respetivamente). As tarefas foram realizadas por 6 informantes de cada localidade, pertencentes a dois grupos etários. Os dados foram analisados tendo em conta fatores prosódicos (domínio prosódico, nível de proeminência de V2 e estatuto fonológico da palavra que integra V1) e extralinguísticos (localidade – urbano vs. rural, idade e modalidade discursiva).

Quanto aos fatores prosódicos, os resultados mostraram que, não apenas a qualidade das vogais envolvidas e a presença de acento de palavra em V2, como até aqui se pensava, mas também outros fatores condicionam a inserção de glide para quebrar hiato. No que diz respeito ao domínio prosódico, observámos que em todas as localidades a fronteira de IP bloqueia o fenómeno. Para além disso, a glide ocorre quando o contexto segmental e acentual se verifica em interior de PW e entre CL e PW. O processo tem portanto as características de outros processos gerais do PE, designadamente o da semivocalização de V1 para quebrar hiato, ou a especificação do vozeamento de fricativas finais de sílaba ou morfema, já que opera no domínio de IP (Frota, 2000).

Verificámos que o processo é opcional e que outros fatores prosódicos parecem afetar a sua frequência de ocorrência, com maior ou menor variabilidade entre localidades, faixas etárias ou modalidades discursivas. Por exemplo, há localidades onde ele opera mais entre PWG e PhP e outras onde é mais frequente em domínios mais baixos na leitura, mas essa assimetria esbate-se nas modalidades (semi-)espontâneas. Um fator que parece condicionar a frequência de ocorrência do processo é a presença de proeminência acima de PW em V2. A importância deste fator emerge com especial nitidez quando V1 pertence a CL, já que neste caso a presença de acento em V2 potencia a inserção em todas as localidades e de modo muito significativo. Finalmente, verificou-se também uma assimetria clara na taxa de inserção em função do estatuto fonológico da palavra a que pertence V1. Em todas as localidades e faixas etárias a frequência de inserção é claramente superior quando V1 pertence a CL nos dados de leitura; a mesma tendência foi também observada nas modalidades (semi-)espontâneas, mas aqui apenas em duas das localidades.

As diferenças encontradas entre localidades não se referem ao domínio prosódico, mas à frequência com que o processo opera e à sensibilidade aos diferentes fatores estudados. Em termos gerais, parece haver mais inserção nas regiões mais a Norte e mais afastadas do centro urbano principal, que é o Porto.

Ao nível das modalidades discursivas detetaram-se diferenças importantes, entre as quais destacamos duas: houve localidades em que o fenómeno não operou na leitura em domínios mais altos, mas ocorreu nesses contextos nas modalidades (semi-)espontâneas; a frequência de ocorrência do fenómeno foi consistentemente mais elevada nas modalidades (semi-)espontâneas do que na leitura. Este facto, juntamente com a constatação de que nas tarefas (semi-)espontâneas houve contextos relevantes para a análise do fenómeno que nunca surgiram, revelam a importância da metodologia de recolha de dados adotada, incluindo tarefas mais controladas e tarefas mais espontâneas.

Finalmente, nos dois grupos etários considerados (até aos 45 anos e a partir de 60) o fenómeno está ativo em todas as localidades, parecendo haver uma menor tendência para a inserção nos falantes mais jovens. Contudo, tal não se verificou na zona mais periférica/rural em observação e, em geral, as diferenças encontradas entre grupos etários não são muito pronunciadas.

Embora em certas regiões e condições prosódicas o fenómeno seja especialmente pouco frequente, globalmente julgamos que os dados são compatíveis com um cenário de variação que não implica necessariamente a sua perda e conseqüente aproximação à variedade *standard*. Este tópico necessita, no entanto, de investigação mais aprofundada. Na verdade, embora o presente estudo constitua, na nossa opinião, um avanço no conhecimento sobre as condições e fatores intra e extralinguísticos que podem condicionar a ocorrência e/ou a incidência da inserção de glide para quebrar hiato entre palavras, é necessária uma avaliação mais ampla do fenómeno, incluindo mais pontos de recolha, por forma a podermos representar a distribuição geográfica do fenómeno sob um ponto de vista prosódico, e de modo a podermos discutir os mecanismos envolvidos na variação fonológica e na mudança linguística.

Referências

- Aguiar, Joana (2008) *Unidades e Processos Fonológicos no falar da região da Terra Quente: contributos para a Linguística Forense*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.
- Aguiar, Joana & Marina Vigário (2010) [Contributos para o estudo da variação na frequência de unidades e padrões fonológicos](#). In. Ana Maria Brito, Fátima Silva, João Veloso & Alexandra Fiéis (orgs.) *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 95-109.
- Andrade, Ernesto d' (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: CLUL/INIC.
- Andrade, Ernesto d' & Maria do Céu Viana (1994) Sinérese, diérese e estrutura silábica. *Textos Seleccionados do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 31-42
- Bell, Allan (1984) Language style as audience design. *Language in Society* (13). Cambridge: Cambridge University Press, pp.145-204.
- Boersma, Paul & David Weenink (2007) *Praat – doing phonetics by computer*. Version 5.3.56 [www.praat.org]
- Carrilho, Ernestina & Sandra Pereira (2011) Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não-padrão em português europeu. In. Maria Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 125-139.
- Cintra, Lindley (1971) Nova proposta de classificação dos dialectos galego – portugueses. *Boletim de Filologia* 22. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 81-116.
- Cruz, Marisa (2013) *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in Southern varieties*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Cruz, Marisa & Sónia Frota (2011) Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In Maria Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 208-225.
- Cruz, Marisa & Sónia Frota (2012) Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. In. Armanda Costa, Cristina Flores & Nélia Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 196-216.
- Cruz, Marisa & Sónia Frota (2013) Correlação entre fraseamento prosódico e distribuição de acentos tonais? Evidências da variação no Português Europeu. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 196-216.
- Florêncio, Manuela (2001) *Dialecto Alentejano - contributos para o seu estudo*. Lisboa: Colibri.

- Frota, Sónia (1994) Aspectos da prosódia do foco no português europeu. In. Leda Bisol (org.) *Fonologia: Análises não-lineares, Letras de Hoje n° 98*, Porto Alegre: PUCRS, pp. 77-99.
- Frota, Sónia (1995) Os domínios prosódicos e o Português Europeu: fenómenos de sandhi. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 221-237.
- Frota, Sónia (2000). *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Frota, Sónia (2014) The intonational phonology of European Portuguese. In. San-Ah Jun (org.) *Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press, pp. 6-42.
- Frota, Sónia & Marina Vigário (2001) On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. *Probus 13*, pp. 247-273.
- Frota, Sónia & Marina Vigário (2007) Intonational Phrasing in two varieties of European Portuguese. In. Tomas Riad & Carlos Gussenhoven (orgs.) *Tones and Tunes*, Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 265-291.
- Frota, Sónia, Marina Vigário & Fernando Martins (2002a) Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. *Speech Prosody Proceedings*. Aix-en-Provence, pp. 315-318.
- Frota, Sónia, Marina Vigário & Fernando Martins (2002b) [Discriminação entre línguas: evidência para classes rítmicas](#). In. Anabela Gonçalves & Clara Nunes Correia (orgs) *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 189-199.
- Frota, Sónia, Marisa Cruz, Flaviane Fernandes-Svartman, Marina Vigário, Gisela Collischonn, Aline Fonseca, Carolina Serra & Pedro Oliveira (no prelo) Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian Varieties. In. Sónia Frota & Pilar Prieto (orgs.) *Intonational variation in Romance*. Oxford: Oxford University Press.
- Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis (1884) Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. *Separata de Romania*, Vol. 12, pp. 29-98.
- Labov, William (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lobo, Maria (2008) Variação morfo-sintáctica em dialectos do português europeu: o gerúndio flexionado. *Diacrítica 22(1)*, pp.25-55.
- Lopo, Joaquim de Castro (1895) Linguagem Popular de Valpaços. *Revista Lusitana* Volume III. Lisboa: Livraria Portuense, Antiga Casa Bertrand, pp.326.
- Magro, Catarina (2007) *Clíticos: variações sobre o tema*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Maia, Clarinda (1975). Os Falares do Algarve (Inovação e Conservação). *Revista Portuguesa de Filologia*, vol.XVII, Tomos I e II. Coimbra: Imprensa de Coimbra, pp. 37-205.
- Martins, Ana Maria (coord.). (1999-) CORDIAL-SIN - *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica*. [<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>]
- Martins, Ana Maria (2003) Variação e Mudança no Português. A Língua Portuguesa: Atas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais – 2002. Cascais: Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais.
- Mateus Maria Helena (1975) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2ª ed. 1982. Lisboa: CLUL/INIC.
- Nespor, Marina & Irene Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. 2ª edição 2007. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Paiva Boléo, Manuel de & Maria Helena Santos Silva (1959) Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental. In. *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica III* (Boletim de Filologia XX, 1961), [1962], pp. 85-112.
- Pereira, António Gomes (1908) Tradições Populares e linguagem de Vila Real. *Revista Lusitana*. Lisboa: Livraria Portuense, Antiga Casa Bertrand.
- Pereira, Sandra (2003) A Concordância com a gente à luz da Morfologia Distributiva. In. Amália Mendes & Tiago Freitas (orgs.). *Textos Seleccionados do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 653-662.
- Rodrigues, Celeste (2003) *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, FCG/FCT, Lisboa.
- Sá Nogueira, Rodrigo (1938) *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- Santos, Felício dos (1897) Linguagem Popular de Trancoso. *Revista Lusitana* Volume V. Lisboa: Livraria Portuense, Antiga Casa Bertrand, pp.171.

- Saramago, João (coord.) (1992-) ALEPG – Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza [<http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg>]
- Saramago, João (coord.) (1994-) ALEAç – Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores. [<http://www.clul.ul.pt/pt/investigador/206-projecto-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-azores-aleac>]
- Saramago, João (2006) ALEPG - O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. In. *Estudis Romànics*, vol. XXVII. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 281-298.
- Segura, Luísa (2013) Variedades dialectais do Português Europeu. In. Eduardo Paiva Raposo, Maria Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Seguro & Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*, vol.1. Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Segura, Luísa & João Saramago (2001) Variedades dialectais portuguesas. In. Maria Helena Mira Mateus (org.) *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 221-237.
- Trudgill, Peter (1974) *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vasconcellos, José Leite (coord.). (1887/1943) *Revista Lusitana*, 1ª série Lisboa: Livraria Portuense, Antiga Casa Bertrand.
- Vasconcellos, José Leite (1890-1892) Dialectos Alentejanos. *Revista Lusitania II*. Livraria Portuense, pp. 15-45.
- Vasconcellos, José Leite (1896) Dialectos Alentejanos. *Revista Lusitania IV*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, pp. 13-77.
- Vasconcellos, José Leite (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Paris. (2ª ed. 1970, com aditamentos e correções do autor. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos).
- Vasconcellos, José Leite (1987) *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 3ª edição. Porto
- Vigário, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. (Interface Explorations Series 6). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Vigário, Marina (2010) Prosodic structure between the Prosodic Word and Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain?. *The Linguistic Review* 27(4), pp. 485-530.
- Vigário, Marina & Sónia Frota (2003) The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 2-2 (Special Issue on Portuguese Phonology edited by William Leo Wetzels), pp. 115-137.
- Vitorino, Gabriela (coord.). (1985-) ALLP – Atlas Linguístico do Litoral Português. [<http://clul.ul.pt/pt/investigador/207-project-linguistic-atlas-of-the-portuguese-coast-allp>]
- Vogel, Irene (2009) Universals of Prosodic Structure. In. Sergio Scalise, Elisabetta Magni & Antonietta Bisetto (orgs.) *Universals of Language Today. Studis in Natural Language and Linguistic Theory*. Netherlands: Springer, pp. 59-82.